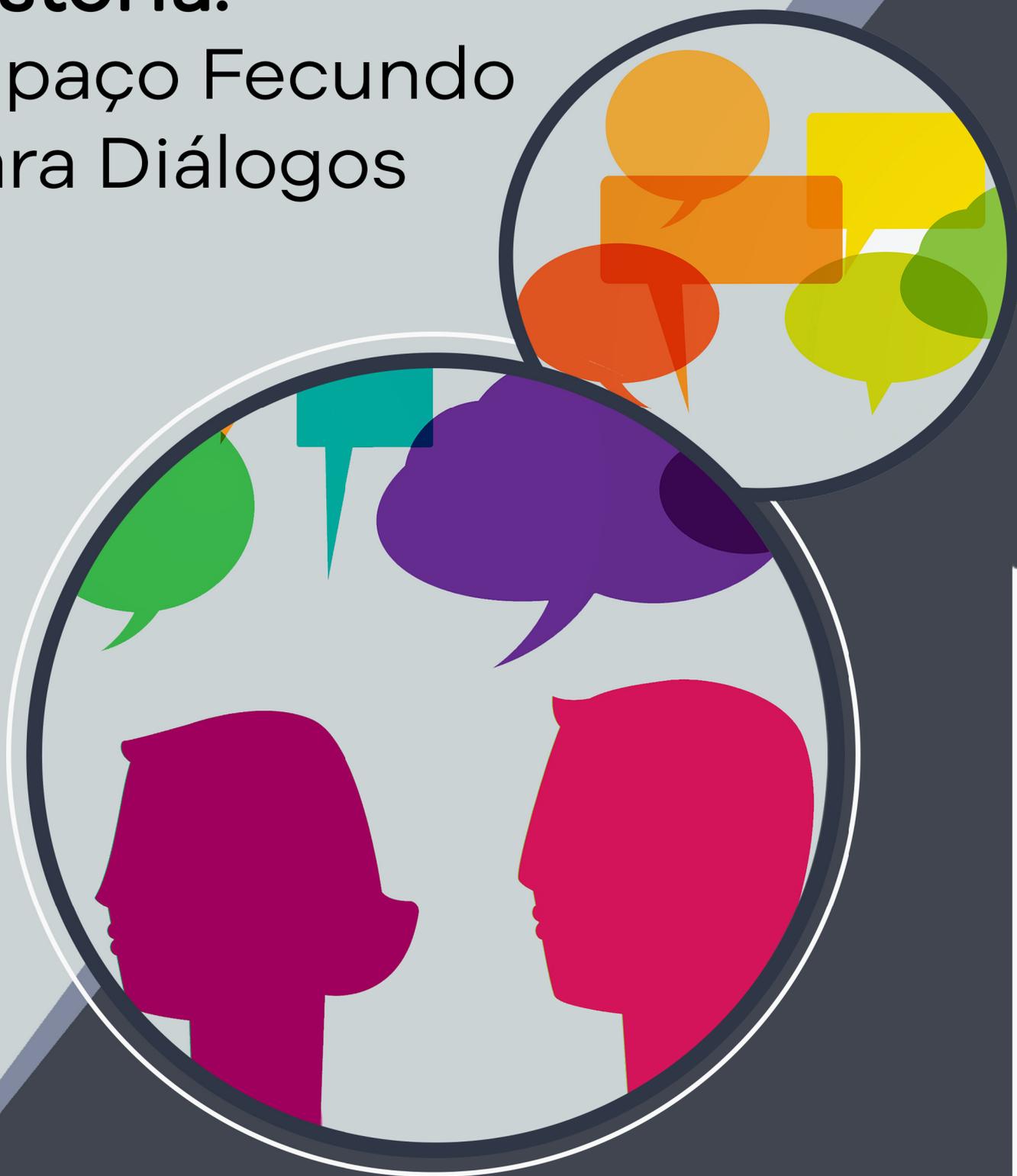


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO	
<i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927091	
CAPÍTULO 2	15
ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA	
<i>Gabriel de Souza Fagundes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927092	
CAPÍTULO 3	27
ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888)	
<i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927093	
CAPÍTULO 4	37
DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR	
<i>Douglas Pastrello</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927094	
CAPÍTULO 5	47
HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES	
<i>Dehon da Silva Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927095	
CAPÍTULO 6	58
NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)	
<i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927096	
CAPÍTULO 7	74
INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL	
<i>Adelcio Machado dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927097	
CAPÍTULO 8	89
EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX	
<i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927098	

CAPÍTULO 9	97
O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX)	
<i>Patrícia Carla de Melo Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5081927099	
CAPÍTULO 10	108
O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE	
<i>Camila Carmona Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270910	
CAPÍTULO 11	120
PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS	
<i>Gerson Luís Trombetta</i>	
<i>Monique Villani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270911	
CAPÍTULO 12	132
UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR)	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Samara Hevelize Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270912	
CAPÍTULO 13	145
MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	
<i>Maurício da Silva Selau</i>	
<i>João Paulo Corrêa</i>	
<i>Fabíola Pezenatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270913	
CAPÍTULO 14	157
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA	
<i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i>	
<i>Daiane Silva Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270914	
CAPÍTULO 15	170
PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS	
<i>Paula Ribeiro Ciochetto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270915	

CAPÍTULO 16	180
A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLETT-PR 1913 A 1945	
<i>Júlio César Franco</i>	
<i>Hélio Sochodolak</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270916	
CAPÍTULO 17	200
RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889)	
<i>Bruna Morrana dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270917	
CAPÍTULO 18	211
SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950	
<i>Cristiane Lima Santos Rocha</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270918	
CAPÍTULO 19	219
TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888)	
<i>Célio Augusto de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270919	
CAPÍTULO 20	228
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO	
<i>Maralice Maschio</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270920	
CAPÍTULO 21	241
“DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR	
<i>Lucas Marques Vilhena Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270921	
CAPÍTULO 22	254
A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270922	
CAPÍTULO 23	265
ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970	
<i>Ronaldo Zatta</i>	
<i>Ismael Antônio Vannini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270923	

CAPÍTULO 24	276
AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979	
<i>David Anderson Zanoni</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270924	
CAPÍTULO 25	291
CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI	
<i>Simone Lopes Dickel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270925	
CAPÍTULO 26	308
DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i>	
<i>Natália Fraga de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270926	
CAPÍTULO 27	318
CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL	
<i>Epaminondas Reis Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270927	
CAPÍTULO 28	326
A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA	
<i>Jonatan dos Santos Silva</i>	
<i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270928	
CAPÍTULO 29	337
A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	
<i>Gabriel da Silva Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270929	
CAPÍTULO 30	349
A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834)	
<i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270930	

CAPÍTULO 31	364
A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO	
<i>Maria Lucia Cavalcante</i>	
<i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i>	
<i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270931	
CAPÍTULO 32	373
A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938	
<i>Fabiana Mathias Roncatto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270932	
CAPÍTULO 33	384
A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS	
<i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i>	
<i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270933	
CAPÍTULO 34	393
A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL	
<i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i>	
<i>Douglas Proença de Santana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.50819270934	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	403
ÍNDICE REMISSIVO	404

DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR

Douglas Pastrello

Mestrando em História política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Maringá-PR

RESUMO: Os debates em torno da questão da memória são extremamente plurais, logo é necessário que se tenha um debate plural acerca do tema. Partindo desta premissa o objetivo é buscar retratar as diferenças entre duas memórias de períodos próximos e suas particularidades – O massacre das Fossas Ardeatinas em Roma(1944) e o uso dos artefatos atômicos no Japão(1945). Através de um diálogo teórico com Michael Pollak(1989), Pierre Nora(1993) e Yoshikuni Igarashi(2011). A partir deste diálogo teórico será feita também uma contextualização desta memória, de forma que se demonstre coerência entre a narrativa criada pela memória circunscrita e o todo cultural que ela se insere.

ABSTRACT: The issues of memory are extremely plural, therefore is a need that we can have a plural discussion around the theme. From this perspective the goal of this paper is to analyze the differences between two memories of the same period of time and its particularities – first the Aderatine Massacre in Rome(1944) and the use of the atomic bombs

on Japan(1945). Through the theory of Michael Pollak(1989), Pierre Nora(1993) and Yoshikuni Igarashi(2011), then from theoretical debates it shall be done the contextualize of this memory, in a way which can be seem the consistency among the narrative created and the memory inside the cultural background around it.

A questão da memória por si só é algo extremamente complexo, não só devido as nuances conceituais sobre o que seria a memória, como também a expressividade que ela possui dentro de um âmbito individual e coletivo. Essa expressividade é justificada ao denotarmos que a memória está no âmago do indivíduo e por esse motivo há inúmeros problemas em volta de suas manifestações.

Podemos afirmar também que não há uma articulação única sobre a memória, indivíduos diferentes em mesmas épocas e recortes históricos terão diferentes abordagens pela memória acerca de um mesmo evento.

Dois exemplos pertinentes de serem trabalhados em conjunto e comparação demonstram bem a volatilidade da memória em torno da Segunda Guerra Mundial, primeiro temos o caso do “Massacre das fossas Ardeatinas” em 1944 na Itália e as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki de 1945.

Inicialmente será feito uma explanação

das narrativas em volta do fato em si, buscando demonstrar as nuances que as narrativas da memória possuem em seus respectivos nichos. A seguir farei uma explanação teórica sobre as questões da memória de modo que fique claro que há uma coerência histórica nas interpretações e disputas pelo campo da História através da memória.

As discussões privilegiadas no campo da memória serão feitas com base nos escritos de Michael Pollak(1989), Pierre Nora(1993), Yoshikuni Igarashi(2011). Como escreve Enzo Traverso (2007, P.7) “a memória é uma construção sempre filtrada por conhecimentos posteriores”.

A partir de Pollak, consideramos que a memória coletiva difere em parte da individual, segundo Pollak, a memória coletiva tende a refletir grupos grandes e os aspectos nacionais de um lugar, enquanto a memória individual – que muitas vezes entra em conflito com a memória coletiva – representa os indivíduos e suas experiências em específico. Todavia como apresenta Traverso(2007) o que ambas têm em comum é o fato de serem uma visão do passado mediada pelo presente, cabendo ainda ao historiador reconhecer os contextos desta memória e sua significância.

Já Pierre Nora conceitua o “lugar de memória”, que, segundo o francês, seria um conceito que reflete o simbolismo que uma narrativa de memória possui, nas palavras do historiador “Eles são lugares nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente[...]” (NORA,1993. P.21), estes lugares de memória representam a carga simbólica que se tem em torno da narrativa, em outras palavras os lugares de memória podem ser “acessados” para relembrar uma determinada narrativa ou memória pronta, considerados como marcos empíricos (um monumento por exemplo) ou marcos imaginários, tais como um feriado.

Yoshikuni Igarashi utiliza do conceito de “corpos da memória” levando em critério o fato de que as pessoas são portadoras de uma memória viva em constante transformação: o seu próprio corpo. Desta forma para o historiador japonês há narrativas implícitas em cada marca, cicatriz e dor que o corpo carrega.

DISPUTA POR NARRATIVAS – O MASSACRE DAS FOSSAS ARDEATINAS

O massacre das fossas Ardeatinas em 1944 foi uma retaliação dos nazistas que ocupavam a Itália já rendida e em acordo com os Aliados. A retaliação foi devido a um ataque da resistência na Via Rasella dias antes que resultou na morte de 33 oficiais nazistas e outros feridos.

O ataque a Via Rasella foi protagonizado por um grupo comunista dentro da resistência e comandado pela liderança da resistência.

O massacre foi feito de maneira rápida para demonstrar força dos nazistas em território que ainda era contestado pela guerra, mesmo que a Itália já havia assinado a rendição, em uma proporção de “10 para 1” a retaliação foi feita às pressas para expor em praça pública os “culpados”. Durante a checagem notaram que tinham

335 e não 330, porém decidiram seguir mesmo assim. Houve, também, uma grande variedade nos executados a sangue frio, muitos não haviam participado do ataque a Via Rasella, outros sequer eram membros da resistência

Alessandro Portelli(2003) fez um excelente trabalho ao reunir através de entrevistas conduzidas por ele próprio o material disponível da memória sobre o evento, segundo o autor há três principais narrativas que circulam o evento: uma de esquerda, uma de centro e uma de direita. As narrativas são conflitantes e possuem diferentes interpretações sobre o evento e suas repercussões.

Através de uma série de entrevistas conduzidas pelo próprio Portelli(2003), o autor elabora um artigo que reconstrói as narrativas da memória envolvendo os eventos do massacre das fossas e o ataque a Via Rasela.

Segundo Portelli, há um movimento de resistência espontâneo que surge após o armistício de 8 de setembro que é seguido pela ocupação nazista que tinha como objetivo garantir o controle do território e evitar a ocupação Aliada.

Este movimento possui três interpretações distintas no imaginário popular, primeiro há uma ideia de que ele é surge como obediência ao rei e a decisão do armistício, outra aponta a “lealdade à pátria” dos resistentes; e há ainda uma interpretação que os vê como traidores do eixo.

Independente da forma que se compreende a formação desse movimento de resistência espontâneo, é certo que ele ao ser considerado como um ponto de “unificação” do povo, causando um mal-entendido de que toda a população haveria participado.

Esta interpretação errônea a respeito da “unificação” serve para justificar as duas linhas de memória principais que envolvem o massacre das fossas Ardeatinas e a resistência, de um lado a narrativa de esquerda utiliza este contexto para se legitimar social e politicamente, como aqueles que lutaram contra os nazistas em benefício do povo. Por outro, a narrativa de direita que concentra os esforços em uma tentativa de encobrir seu passado conivente com o fascismo italiano.

A narrativa começa a se fixar como um ato de fundação que visa excluir os opositores do ato, dando protagonismo aos “beneficiados” com o discurso, Portelli aponta que isso é comum ao se elaborarem discursos de memória a posteriori, como foi o caso da independência dos Estados Unidos que exclui os partidários da causa inglesa do ato de fundação da república norte-americana, porém neste caso específico da Itália e da resistência as narrativas em oposição coexistem, enquanto no caso dos EUA os partidários ingleses voltaram para a metrópole.

A coexistência gera as três narrativas já citadas que seriam distribuídas em três momentos distintos.

Durante a guerra fria o discurso prioriza um vazio nacional, se esvazia o significado do evento, mas se comemora como um marco da nação. Neste momento inicial, sendo a primeira narrativa cunhada “oficialmente” no pós-guerra. Segundo Portelli, os eventos sobre o massacre eram quase que religiosos, sem um

aprofundamento histórico e político.

A participação da resistência no fato dos massacres e no enfrentamento nazista passou a ser um “tema controverso”, apesar de ela ter sido a força motriz do movimento, dar visibilidade e voz para a resistência durante a guerra, seria legitimar a sua “voz democrática” em plena bipolaridade mundial.

O evento então não era sobre a resistência aos nazistas, mas sim uma celebração da derrota, cabendo toda a violência para os nazistas e a esquerda. Para o autor ainda há ironias presentes nesse recorte: a constituição do pós-guerra feita em 1948 foi criada por um judeu comunista, porém com um código penal fascista de 1929, oferecendo resistência a sua aplicação de fato.

Após a eleição de Sandro Pertini(1978-1985) – uma coalisão de esquerda - a narrativa toma um novo fôlego e dá um novo significado para a resistência, todavia está memória da esquerda não está unificada e se divide em duas diferentes.

De um lado toma-se a resistência como um ato antifascista e por outro a resistência como um símbolo da luta arma e da consciência de classe. Este discurso da nova esquerda entra em discrepância com a narrativa que os próprios resistentes fazem sobre o evento.

Como é possível notar, no texto de Portelli, os resistentes eram excluídos da narrativa oficial, muito mais importava a memória e a comemoração do que a experiência deles, muito mais que uma briga pela memória, o evento se tornou uma briga pelo “lugar de memória” que o massacre representava e pelo protagonismo da narrativa, mesmo que isso em determinados momentos contradissesse os próprios homenageados e suas experiências pessoais no conflito.

Seria importante ainda enfrentar o mito de que todos participaram da resistência, algo evocado principalmente pela memória de direita que utiliza da narrativa para esconder a sua colaboração no passado com a política do Eixo.

Para tal, Portelli, cita Renzo de Felice que elaborou uma pesquisa demonstrando que o fascismo não foi somente uma imposição de valores sobre os italianos e que houve muita participação e colaboração orgânica no movimento, desmitificando a ideia de que não só não se teria havido uma adesão total à resistência, como também de que o povo foi subjugado por completo.

Já a visão de um ex-revolucionário radical, Claudio Pavone, havia três guerras em curso: uma guerra de classes. Uma guerra pela liberação nacional e uma guerra entre resistentes e fascistas; fazendo com que a resistência fosse o conflito, a luta em curso, não o antifascismo, legitimando por tabela a visão da direita. O que os fatos demonstrados tanto por Felice quanto por Pavone tem em comum é o fato é que ambas alteram esse ato fundador da nova república Italiana do pós-guerra.

A volta da nova direita ao poder, marcada principalmente com a eleição de Silvio Berlusconi (1994) retoma conceitos da narrativa de derrota, rechaçando a violência em todas as esferas, ignorando se a violência era parte da resistência fascista ou própria dos fascistas, tratando-as como opostos de uma mesma moeda. Esse rechaço

foi gerado no senso comum devido a inúmeros mitos que foram propagados ao longo dos anos, desde e o massacre das Fossas Ardeatinas. Um dos principais teria sido um boato de que haveriam pregado cartazes em Berlim pedindo que os responsáveis pelo ataque a Via Rasella se entregassem.

Foi compreendido pelo senso comum que o massacre foi uma retaliação pelos responsáveis não terem se apresentado. Para refutar este Portelli apresenta o relato de Ada Pigotti(PORTELLI, 2003. P.21), demonstrando que nunca houve tais cartazes, não haveria nem tempo hábil para isso, uma vez que a retaliação foi imediatista, menos de 24 horas do ocorrido.

Outro boato aponta que o massacre só aconteceu por conta de ser uma retaliação, Portelli também argumento que a resistência já havia feito ataques anteriormente sem nenhuma retaliação, e que esses boatos tem um feito na memória de inversão da culpa: desde aqueles que perguntam por que os culpados não se entregaram ou os que julgam que os nazistas são monstros desumanos e tal retaliação deveria ser esperada, acabam por contribuir com a inversão da culpa e culpabilização das vítimas, isentando de certa forma a culpa que os nazistas possuíam na atrocidade como um todo.

Muitos ainda se recusam a comentar o assunto devido a pressão que o senso comum exerce sobre a narrativa, aqueles que discordam da questão da violência ou da maioria dos boatos têm suas experiências a narrativas confrontadas com a fugaz força da inversão da culpa, porém como Pollak(1989) afirma, o silêncio não quer dizer necessariamente o esquecimento, muitas vezes torna-se resistência.

A BOMBA ATÔMICA E A MEMÓRIA NIPÔNICA

Gar Alperovitz(1985) escreveu no Washington post o seguinte artigo “Did America Had to Drop The Bomb?”, com subtítulo “Not to end the war, but Truman wanted to intimidate the russians”. No artigo o historiador pontua diversas questões após 40 anos do uso da bomba atômica, como o fato de um dos chefes de gabinete de Truman ter escrito em seus diários que os “ataques bárbaros em Nagasaki e Hiroshima não ajudaram em nada na guerra contra o Japão”, assim como também aponta o comentário do Almirante Ernest J. King que afirmava ser possível uma rendição incondicional somente com o embargo feito à ilha.

Essas questões são pertinentes pelo seguinte aspecto, devido ao fato da justificativa oficial da bomba atômica parecer passar por duas grandes questões, primeiro há um cálculo utilitarista, como aponta Igarashi(2011), a bomba atômica salvou a vida de pelo menos “um milhão de soldados americanos”, por outro também impediu que outros milhões de japoneses morressem em “vão”, uma vez que a vitória norte-americana já estava garantida, apenas teria aumentado o desgaste na população nipônica, logo, a bomba atômica também foi um ato humanitário.

Ironicamente ao serem levantados que tanto Nagasaki quanto Hiroshima eram

alvos civis com pouco ou quase nenhum impacto militar no conflito, sendo ainda Nagasaki uma região montanhosa, não há espaço para o questionamento, como bem ilustrado por Michael Bess, em *Choices under Fire*(2008), quando o Smithsonian em 1995 tentou fazer uma exibição do *Enola Gay*, houve uma grande resistência por parte dos veteranos de guerra sendo qualificada como uma “exibição anti-americana”.

Este argumento é consequência da narrativa fabricada no pós-guerra, vinculada a dois eventos principais, inicialmente a aproximação dos Estados Unidos e do Japão – de antagonistas para aliados próximos – e a retórica produzida na guerra fria sobre o uso de armamentos nucleares.

Do ponto de vista desses veteranos norte-americanos que lutaram no front de guerra ao qualificarem a bomba atômica como um ato de agressão desnecessário e não uma decisão militar estrategicamente pensada, os soldados norte-americanos que lutaram na guerra passam a ser vistos como aqueles foram cúmplices de uma vilania desmedida, ignorando o fato de que muitos lutavam por acreditarem que estavam do “lado correto” e para proteger seus entes queridos que ficaram na pátria.

Porém é preciso também desconstruir a ideia de que lutar pela pátria, ter o sentimento nacionalista acima de tudo é justificável em qualquer ocasião. Como Reiss e Ehrlich(2019) apontam, na impossibilidade de se punir todos os responsáveis por crimes de guerra do exército alemão da Segunda Guerra Mundial, evitam também honrarias e louvores aos soldados participantes. Isto não significa também uma falácia do preto no branco, colocando os veteranos norte-americanos no mesmo patamar que os soldados alemães, mas sim demonstrar que é possível questionar determinados sentidos comuns dentro da história da Segunda Guerra Mundial, sendo necessário desconstruir a ideia de que de na “luta pela pátria” é tudo justificável.

Partindo desta linha de argumentação torna-se necessário não só buscar as raízes por trás da narrativa dos artefatos atômicos, como estabelecer a genealogia da inversão de valores que ocorreu entre os Estados Unidos e o Japão no pós-guerra, pois a aproximação entre dois – anteriormente- inimigos foi o que tornou possível o estabelecimento da memória de heroísmo/altruísmo norte americano em contrapartida com a memória individual dos nipônicos relegada ao obívio.

Essa aliança feita seguida ao fim da guerra foi algo premeditado, os Estados Unidos, durante o fim do curso da guerra contrataram a antropóloga Ruth Benedict para registrar estudos sobre a população japonesa, embora a antropóloga não tenha feito trabalho de campo e só estudado a civilização através dos prisioneiros de guerra e populações locais de territórios já conquistados, seu trabalho foi de eximia importância para que os norte-americanos pudessem compreender as nuances culturais do Japão e da cultura da honra em voga no momento, assim como o estabelecimento de estratégias.

Um dos pilares da cultura da honra nipônica era a narrativa mítica de unicidade, em que todos os japoneses seriam descendentes diretos da *kami Amaterasu*, como demonstra Shuichi Kato ao buscar as raízes da mitologia japonesa: ““O *kami* solar

Amaterasu fez descer no território japonês seu descendente Nínigino Mikoto, e consta que o descendente dele é o primeiro *tennō*(Imperador) mitológico Jinmu Tennō.(que subiu ao trono em 660 a.C.)” (KATO,Shuichi. 2012. P.45)”, partindo desta narrativa mítica se estabelece não só a origem “superior” do Imperador japonês como esse traço cultural “único” que diferenciaria os japoneses dos outros povos.

Percebendo a importância cultural do Imperador na sociedade japonesa começa o que Igarashi(2011) chama de “narrativa de conversão”, que busca inocentar o papel que o Imperador japonês teve na guerra e nos crimes de guerra e utilizá-lo como pilar nas negociações políticas que viriam junto com o pós-guerra.

Sendo o responsável por executá-la, o General Douglas MacArthur. Essa narrativa vai sendo elaborada por MacArthur em suas memórias autobiográficas, é contestada por Igarashi(2011), a exemplo de que, segundo o historiador, Hirohito era extremamente conhecido por sua aversão ao fumo, tornando essa cena, que aos olhos do senso comum e da lógica da narrativa moldada, uma situação corriqueira, que todavia, seria uma cena improvável.

Desta forma, a narrativa é criada com intuito não só com intuito de justificar o artefato atômico, como também se demonstra uma maneira de aproximar os EUA e o Japão como aliados. Mudando totalmente a perspectiva do povo nipônico sobre o Imperador, transformando sua origem “divina” em humana, sua reclusão imperial em um humanismo solidário.

Transforma-se assim o Imperador no selo real que unifica o Japão em ruínas, um ativo que é responsável exclusivamente por pôr fim à guerra, muito embora não tivesse corresponsabilidade no conflito.

Uma forte influência da norte-americana predomina no território japonês, surgem novos “cabarés” de música e dança, moldados ao estilo dos clubes americanos. Isto fica visível no filme “Um domingo maravilhoso” (1947) do diretor japonês Akira Kurosawa. No filme se retratam diversos elementos da época da ocupação. Destaca-se, claro, os problemas econômicos do período (CANBY,1982), assim como os traços da cultura norte-americana: bares – cabarés – aos moldes ocidentais, Jazz, dança e até mesmo crianças jogando baseball (PASTRELLO,2019).

A narrativa oficial – sob os esforços de MacArthur - também prega que a ocupação era amigável e que os soldados americanos não abusavam das mulheres, eram cordiais e simpáticos, até preferíveis em relação aos homens japoneses; que os soldados jogavam beisebol com as crianças, distribuíam doces. Somado tudo, como apontado pela narrativa, demonstrava que a ocupação era mais amena do que se esperava, diriam até que pacífica.

Entre os paradoxos da ocupação temos o fato de que em seu início os prisioneiros políticos do Japão são libertados, entre eles adeptos do movimento comunista nipônico. O Partido Comunista, pela primeira vez na história do Japão, saiu da ilegalidade, porém, anos depois com a derrota de MacArthur nas preliminares do partido republicano, o general cede a uma guinada da Guerra Fria e novamente o

partido é colocado no ostracismo e seus membros perseguidos, assim como diversos direitos trabalhistas expurgados.

Por fim, a construção desta memória foi feita baseada em dois pontos em específico, primeiro justificar o uso do artefato atômico e em um segundo momento propiciar a aproximação entre os Estados Unidos e o Japão.

ESPECIFICIDADES DE OUTRO TEMPO

Mesmo com as devidas especificidades que o caso italiano e o japonês citados possuem, consideremos que a memória ainda possui um viés justificativo, legitimador, embora, dadas as diferenças, cada caso com sua própria cruzada.

Torna-se relevante sua comparação ao buscarmos tirar o estigma de que a memória é única, friamente moldada pelos vencedores e que sempre toma rumos e caminhos semelhantes. A comparação entre ambos os casos já demonstra o oposto: podemos selecionar eventos traumáticos de um recorte próximo e ainda assim obtermos uma memória moldada sob os mais diversos parâmetros, gerida através da interação social-passado-presente.

O caso italiano aparenta ser um tópico muito mais sensível socialmente, há uma disputa – que provavelmente não verá fim – no âmbito do massacre das fossas Ardeatinas, não existe consenso. Sufoca-se a experiência individual em detrimento de uma narrativa legitimadora. Como afirmado anteriormente, ocorre uma disputa pelos “lugares de memória” e suas narrativas simbólicas, não pelo resgate da memória como de fato teria ocorrido.

De um lado temos a narrativa de esquerda que busca legitimar a força democrática e antifascista que a esquerda possui, de outro a narrativa da direita permite que seus protagonistas se ausentem da culpa de terem sido colaboracionistas do regime fascista italiano; simultaneamente em que há uma narrativa deslegitima ambas e rechaça a violência por completa, seja a violência do algoz ou do dominado.

Torna-se complexo até mesmo nomear ou historicizar os eventos, no epílogo de seu artigo, Portelli escreve sobre o relato de Luigi Catemario, no relato Luigi demonstra seu descontentamento da falta de consenso sobre como “nomear” o ponto onde teria sido o ataque a Via Rasella, demonstrando que a disputa de narrativas e protagonismo não terá um fim próximo, então por que não simplesmente “Aqui é um lugar histórico”(PORTELLI, P.22).

Está disputa vai de encontro a definição do tempo ocidental dada por Shuichi Kato(2012), na visão do autor o tempo ocidental é baseado na tríade judaico-cristã: passado-presente-futuro, em uma linha finita que iria até o fim dos tempos – ou juízo final.

Essa relação da tríada temporal faz com que a história se delimite em aspectos causais, se olha para o presente com o olhar intrínseco no passado, o passado serve como base argumentativa e justificativa do presente, em suma, os acontecimentos

se vinculam ao todo, desta forma a memória nesse caso se torna uma busca pelo protagonismo do presente através do passado, pouco importando a experiência daqueles responsáveis ou presentes nos eventos memorados.

A memória japonesa toma outro rumo, partindo ainda de Kato, consideramos que a sociedade nipônica está sempre em volta do presente, desvinculada do passado.

Esse tempo japonês, chamado de “agora” pode se estender até um passado ou futuro próximo, porém com o foco do olhar no presente, logo, fora da academia de história há pouca contestação da narrativa de fundação japonesa, isso não significa, todavia, que a memória não existe fora do âmbito coletivo, na verdade ela se torna uma memória reprimida, que não visa o protagonismo da narrativa, apenas um efeito de catarse de modo que se torne menos dolorosa, mais asséptica.

Como demonstrado pelo diretor japonês Akira Kurosawa no filme “Rapsódia em agosto” (1991), a contestação da memória através da protagonista Kane não é uma busca do protagonismo, e sim uma forma de superar a dor, viver o presente de maneira mais agradável.

Diferente do caso do massacre das Fossas Ardeatinas em Roma, a memória nipônica fica relegada ao esquecimento, não por questões meramente políticas, mas culturais, seguindo o provérbio japonês “Deixe a água levar o passado”, isso não significa que embora não existam tensões e rupturas visíveis na sociedade, que elas não existam, o silêncio daqueles que escolheram não comentar o episódio e seguir a “narrativa oficial”, não é esquecimento e sim um ato de resistência daqueles que optam por deixar o passado para trás.

REFERÊNCIAS

ALPEROVITZ, Gar. **Did we have to drop the bomb?**. Washington Post. 1985. Disponível online. Último acesso em 28/11/2018 https://www.washingtonpost.com/archive/opinions/1985/08/04/did-america-have-to-drop-the-bomb-not-to-end-the-war-but-truman-wanted-to-intimidate-russia/46105dff-8594-4f6c-b6d7-ef1b6cb6530d/?utm_term=.587bf4e461d7

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: Padrões da Cultura Japonesa**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BESS, Michael. **Choices under fire: moral dimensions of world war II**. 2008.

CANBY, Vincent. **Review/Film; Kurosawa, Small in Scale and Blunt**. 1991. New York Times. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1991/12/20/movies/review-film-kurosawa-small-in-scale-and-blunt.html>>. Último acesso em: 01 nov. 2014.

EHRlich, Michael;Reiss,Carlos. **A homenagem à um soldado da Whermacht: uma discussão à luz da memória do Holocausto**. 2019. Disponível online: https://drive.google.com/file/d/1FFfC1tYC88Vf3741Fmx_XkMVxC0VuAEL/view?fbclid=IwAR1luXVge4beGa8UsYChJKz_ncgQtN_hcQ0jo7KFG_g0_aqw5TRuVFVnCCo . Último acesso em 07/07/2019.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória: Narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970)** Tradução de Marco Souza e Marcela Canizo. São Paulo: Annablume, 2011.

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação da liberdade, 2012.

MAGALHÃES, Guilherme. Exército brasileiro homenageia major alemão condecorado por Hitler. São Paulo: Folha de São Paulo. 2019. Disponível online: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/exercito-brasileiro-homenageia-major-alemao-condecorado-por-hitler.shtml>. Último acesso em 04/07/2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

PASTRELLO, Douglas. **A OCUPAÇÃO AMERICANA E A CONSTITUIÇÃO JAPONESA NO PÓS-GUERRA**. In. CASTILHO, Danila. **História Diversa**. Ponta Grossa: Editora Atena. 2019.

PORTELLI, Alessandro. “Memoria e identidad: una reflexion desde la Italia posfascista”, In: Elizabeth Jelin y Victoria Langland (comps), **Monumentos, memoriales y marcas territoriales**, Buenos Aires, 2003.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2011

TRAVERSO, Enzo. “Historia y memoria: notas sobre un debate” In: Marina Franco y Florencia Levín (comps.), **Historia Reciente: Perspectivas y desafíos para un campo en construcción**. Buenos Aires, Paidós, 2007.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia: um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel. 1980.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

